

FIM DA GUERRA-FRIA: NOVAS FRONTEIRAS EUROPÉIAS

META

Metas: Apresentar a reunificação alemã.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
descrever a reunificação alemã;
distinguir a reunificação da unificação;
reconhecer a valorização dos nacionalismos.

PRÉ-REQUISITOS

Lições anteriores, principalmente as aulas 01, 02 e 03 desta unidade;

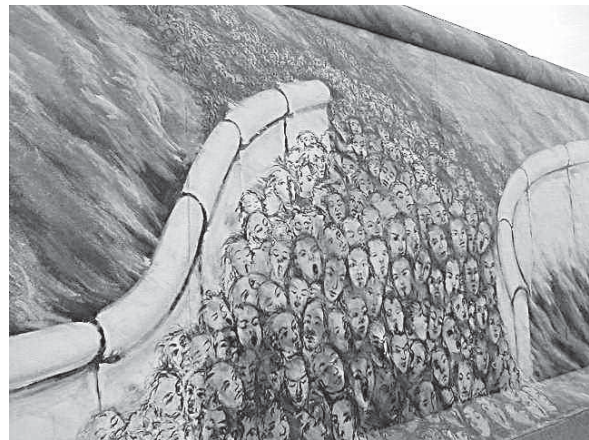
leitura do Livro:

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. A nova ordem global – Relações internacionais do Século 20 – quarta parte. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

para melhor aproveitamento, ter sempre em mãos:

Dicionário de Língua Portuguesa;

Atlas Geográfico: SIMIELLI, Maria Elena Ramos. GEOATLAS. São Paulo: Ática, 2002, ou similar.



Muro de Berlim (Fonte: <http://www.crystalbay.net>).

INTRODUÇÃO

De facto

Um exemplo de uso da expressão seria o caso da independência da região da Transnístria, que de jure pertence à República da Moldávia, mas de facto, ou seja, na prática, é um país independente, sem sofrer interferências externas da nação à qual pertence segundo o direito internacional.

Caro aluno ou querida aluna: conforme exposto na aula anterior, a Doutrina Truman, de cunho geopolítico, e o Plano Marshall, de cunho econômico foram os instrumentos que sustentaram as ações estadunidenses de expandir sua hegemonia militar, política, econômica e bélica nuclear pelo mundo. Para impedir a expansão da zona de influência da União Soviética a outros países além do Leste europeu e da China (que aderiu em 1949, ao socialismo), os EUA criaram várias alianças militares na Europa, na Ásia e Oceania, estabelecendo um cinturão de isolamento em torno da superpotência rival, que ficou conhecido como cordão sanitário.

A mais importante organização militar, criada em 1949, foi a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), com sede em Bruxelas, capital da Bélgica, para defender a Europa Ocidental da ameaça soviética. A criação da OTAN foi uma resposta ao bloqueio imposto a Berlim Ocidental por Stálin, entre junho de 1948 e maio de 1949. Delimitava-se, assim, a zona de influência norte-americana na Europa Ocidental, com a construção de bases militares e a constituição de um gigantesco mercado de armamentos convencionais e nucleares.

Outra consequência importante do bloqueio de Berlim foi a criação da República Federal da Alemanha (RFA) ou Alemanha Ocidental, em maio de 1949, nas zonas ocupadas pelos Estados Unidos da América, Reino Unido e França. Para capital foi escolhida a cidade de Bonn. A resposta soviética, em outubro de 1949, foi a criação da República Democrática Alemã (RDA) em sua respectiva zona de ocupação. A capital da RDA, ou Alemanha Oriental, passou a ser a parte oriental de Berlim, sob controle soviético.

A Alemanha Ocidental vive fase de prosperidade, estimulada pelo Plano Marshall, fazendo parte do projeto de reconstrução da Europa capitalista, comandada pelos EUA. Enquanto que, até a década de 1960, a Alemanha Oriental atravessou período de crise econômica que repercutiu na saída de berlinenses da parte oriental para a ocidental. Em 1973, RDA e RFA entram na Organização das Nações Unidas (ONU) como dois Estados soberanos.

Assim, você entendeu a extensão do conflito Leste Oeste? Pois neste momento estudaremos o fim da Guerra Fria e as novas fronteiras européias. Bons estudos e seja bem vindo, ou bem vinda, para mais uma aula!



Alemanha: leste e oeste (Fonte: <http://www.dw-world.de>).

DA ALEMANHA

A Unificação Alemã foi um processo iniciado em meados do século XIX e finalizado no ano de 1871, para a integração e posterior unificação de diversos estados germânicos em apenas um: a Alemanha. O processo foi liderado pelo primeiro-ministro prussiano Otto von Bismarck, conhecido como chanceler de ferro, e culminou com a formação do Segundo Reich (Império) alemão.

O termo Império Alemão designa a Alemanha, desde a sua consolidação como Estado-nação, em Janeiro de 1871, até à abdicação do Kaiser Guilherme II, em novembro de 1918, após a Primeira Guerra Mundial.

A expressão Segundo Reich (Reich significa reino ou império) refere-se ao mesmo período histórico naquele país. Os que a empregam consideram o Sacro Império Romano-Germânico (843-1806) como um primeiro império alemão. Seguindo este mesmo raciocínio, os nazistas chamavam de Terceiro Reich o regime nacional-socialista de Hitler (1933-1945).

É de notar que o termo Deutches Reich foi o nome oficial da Alemanha não apenas no período dos Kaisers mas também durante a República de Weimar e o regime nazista.

Um Estado independente, de 1701 até 1871 - o Reino da Prússia, que foi o maior dos Estados que constituíram o Império Alemão.

A maior unidade territorial e administrativa dentro do Império Alemão, da República de Weimar e do Terceiro Reich, desde 1871 a 1945.

A Prússia, como Estado, foi abolida de facto pelos nazistas em 1934 e de iure pelos Aliados em 1947. A partir de então, o uso do termo limita-se aos contextos históricos, geográficos e culturais.

O nome Prússia é derivado dos antigos prussianos, um povo báltico aparentado com os lituanos. A Prússia Ducal manteve-se como uma dependência do Reino da Polónia até 1660. A Prússia Real continuou a integrar a Polónia até 1772. Com o aumento do nacionalismo cultural alemão entre o final do século XVIII e o princípio do XIX, a maioria dos prussianos de língua alemã passou a considerar-se parte da nação germânica, professando as chamadas virtudes prussianas: organização perfeita, sacrifício, o Estado de direito, obediência à autoridade e



Batalha de Mars-La-Tour (fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

República de Weimar

Foi instaurada na Alemanha logo após a Primeira Guerra Mundial, tendo como sistema de governo o modelo parlamentarista democrático. O presidente da república, nomeava um chanceler que seria responsável pelo poder Executivo. Quanto ao poder Legislativo, era constituído por um parlamento.

militarismo. A partir do século XVIII, a Prússia expandiu-se e veio a dominar o norte da Alemanha política e economicamente, bem como em termos populacionais, e constituiu o cerne da Confederação da Alemanha do Norte, criada em 1867 e transformada em 1871 no Império Alemão.

A unificação alemã consolidou-se em Janeiro de 1871 com a proclamação de Guilherme I como o primeiro Kaiser (Imperador) do Império Alemão, formando assim o Segundo Reich alemão. A coroação de Guilherme I aconteceu no Palácio de Versalhes (18 de Abril de 1871), para humilhação dos franceses, vencidos na guerra Franco-Prussiana. Isso apenas intensificou o revanchismo francês. Bismarck também foi nomeado como o primeiro chanceler da Alemanha, ficando no cargo de 1871 a 1890.

Após a unificação, o governo alemão manteve características autoritárias, sem incorporar o liberalismo democrático. Apesar disso, a Alemanha cresceu rapidamente, logo superando a Inglaterra na produção de aço, tornando-se uma das maiores potências europeias. O Segundo Reich durou até 1919, após a Primeira Guerra Mundial, quando foi substituído pela República de Weimar. Durante toda a sua existência (1871 - 1919), o Segundo Reich foi governado pela dinastia prussiana dos Hohenzollern.

A REUNIFICAÇÃO ALEMÃ

A reunificação da Alemanha ocorreu em 3 de outubro de 1990, quando o território da antiga República Democrática da Alemanha (RDA ou Alemanha Oriental) foi incorporado à República Federal da Alemanha (RFA ou Alemanha Ocidental). Após as primeiras eleições livres na RDA, em 18 de março de 1990, as negociações entre as duas Alemanhas culminaram no Tratado de Unificação (celebrado em 31 de agosto de 1990), enquanto que os entendimentos entre a RDA e a RFA e as quatro potências de ocupação resultaram no chamado “Tratado Dois Mais Quatro”, que outorgava independência plena ao Estado alemão reunificado. A Alemanha reunificada continuava a integrar a Comunidade Europeia (posteriormente, União Europeia) e a OTAN. O termo “reunificação” é empregado para diferenciá-la do processo histórico de unificação da Alemanha, em 1871, conforme especificado acima.

Nos termos do acordo, as quatro potências renunciam a todos os direitos que detinham na Alemanha, inclusive a Berlim. Dessa maneira, o país reunificado tornou-se plenamente soberano em 15 de março de 1991. As tropas soviéticas saíram do país até o final de 1994. A Alemanha concordou em limitar as suas forças armadas a, no máximo, 370.000 homens. O país também confirmou a sua renúncia à fabricação e posse de armas nucleares, biológicas e químicas, reiterando que o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares continuaria a vincular na Alemanha reunificada. Determinou-se, também, a proibição à presença de forças armadas estrangeiras

De iure

De jure (em latim clássico de iure) é uma expressão latina que significa “pela lei”, “pelo direito”, em contraste com de facto, que significa justamente de facto em Portugal e de fato no Brasil, ou seja, na prática

e armas nucleares no território da antiga Alemanha Oriental.

Talvez a disposição mais significativa do tratado seja a renúncia, por parte da Alemanha, de todas as reivindicações referentes a territórios ao leste da linha Oder-Neisse, o que implicou na aceitação, pelo país, das perdas territoriais sofridas ao término da Segunda Guerra. A Alemanha concordou, ainda, em celebrar um tratado separado com a Polônia para confirmar a fronteira comum, o que ocorreu no ano seguinte.

Embora o tratado tenha sido assinado pelas duas Alemanhas, independentemente, foi ratificado pela Alemanha reunificada.

Os acontecimentos de 1989 foram preparados durante os anos do governo de Mikhail Gorbachev na União Soviética. Sua política interna reformista, materializada nos projetos da *glasnost* (em russo: “transparência”, termo aplicado à abertura política) e da *Perestroika* (em russo: “reestruturação”, termo aplicado à abertura econômica) foi acompanhada pela inauguração de uma nova política externa. A diplomacia soviética abandonou a “Doutrina Brejnev”, segundo a qual a União Soviética deveria continuar cumprindo uma função de política do *status quo* comunista na Europa Oriental, voltando-se para a idéia de constituição da “Casa Comum Européia”. Eduard Shevardnadze, ministro de Relações Exteriores de Gorbachev, concebia a Europa como um espaço desmilitarizado, politicamente plural e regido pelo respeito aos direitos humanos.

No horizonte da nova política externa soviética estava o desmantelamento concomitante das alianças militares européias e das áreas de influência da Guerra Fria. Sobre essa base diplomática erguiam-se as esperanças de Gorbachev de um novo relacionamento econômico da União Soviética com o mercado mundial capitalista, fundamental para o sucesso das suas reformas internas. Especificamente, tratava-se de incorporar a União Soviética a uma zona de intercâmbio econômico com a Europa ocidental, na qual a Alemanha exerceria uma função crucial como ponte entre o Ocidente e o Oriente e de parceiro privilegiado da União Soviética.

O cenário imaginado por Gorbachev e sua equipe jamais veio à luz. O relaxamento progressivo dos controles da União Soviética sobre os países satélites do Leste europeu desencadeou uma dinâmica incontrolável, cuja conclusão foi o desmantelamento de todo o bloco. A lógica desse processo residia na ilegitimidade quase absoluta dos regimes comunistas implantados na Europa oriental.

O comunismo chegara ao poder nos países do bloco soviético em



Fim da guerra fria na Alemanha (fonte: <http://www.fotografias.net>).

Primavera de Praga

Realizada em 1968 na Tchecoslováquia, é o movimento liderado por intelectuais reformistas do Partido Comunista Tcheco, interessados em promover grandes mudanças na estrutura política, econômica e social do país. A experiência de um “socialismo com face humana” foi comandada pelo líder do Partido Comunista local, Alexander Dubcek. A proposta surpreendeu a sociedade tcheca, que, em 5 de abril de 1968, soube das propostas reformistas dos intelectuais comunistas.



Primavera de Praga (Fonte: <http://news.bbc.co.uk>).

função da Guerra Fria. O predomínio conseguido pelos partidos comunistas nos governos originados da Conferência de Yalta resultava da força da União Soviética, não do seu enraizamento nas respectivas sociedades nacionais. A supressão do multipartidarismo e a sedimentação de regimes de partido único, alguns anos depois, era uma conseqüência da deflagração da Guerra Fria, não de movimentos revolucionários nacionais. Atrás dos regimes de Varsóvia, Praga, Berlim Leste, Budapeste e Bucareste encontrava-se o poderio de Moscou.

Em diferentes momentos, manifestou-se a artificialidade dos regimes comunistas do bloco e a oposição entre eles e a vontade das sociedades nacionais. A revolta húngara de 1956 foi esmagada pela invasão de tropas do pacto de Varsóvia. O mesmo ocorreu com as reformas democráticas tchecas de 1968 (a célebre Primavera de Praga). A estabilidade política na Europa oriental dependia da intervenção direta ou indireta da União Soviética.

O objetivo de Dubcek era “desestalinizar” o país, removendo os vestígios de despotismo e autoritarismo, que considerava aberrações no sistema socialista. Com isso, o secretário-geral do partido prometeu uma revisão da Constituição, que garantiria a liberdade do cidadão e os direitos civis. A abertura política abrangia o fim do monopólio do partido comunista e a livre organização partidária, com uma Assembléia Nacional que reuniria democraticamente todos os segmentos da sociedade tcheca. A liberdade de imprensa, o Poder Judiciário independente e a tolerância religiosa eram outras garantias expostas por Dubcek.

As propostas foram apoiadas pela população. O movimento que propôs a mudança radical da Tchecoslováquia, dentro da área de influência

da União Soviética, foi chamada de Primavera de Praga. Assim sendo, diversos setores sociais se manifestaram em favor da rápida democratização. No mês de junho, um texto de “Duas Mil Palavras” saiu publicado na *Liternární Listy* (Gazeta Literária), escrito por Ludvík Vaculík e assinado por personalidades de todos os setores sociais, pedindo a Dubcek que acelerasse o processo de abertura política. Eles acreditavam que era possível transformar, pacificamente, um regime ortodoxo comunista para uma social-

democracia aos moldes ocidentais. Com estas propostas, Dubcek tentava provar a possibilidade de uma economia coletivizada conviver com ampla liberdade democrática.

A União Soviética, temendo a influência que uma Tchecoslováquia democrática e socialista, independente da influência soviética e com garantias de liberdades à sociedade, pudesse passar às nações socialistas e às “democracias populares”, mandou tanques do Pacto de Varsóvia invadirem

a capital, Praga, em 20 de agosto de 1968. Confrontos entre tropas do Pacto e manifestantes aconteceram nas ruas da cidade. Dubcek foi detido por soldados soviéticos. Ele foi levado a Moscou e destituído do cargo.

As reformas foram canceladas e o regime de partido único continuou a vigorar na Tchecoslováquia. Em protesto contra o fim das liberdades conquistadas, o jovem Jan Palach ateou fogo ao próprio corpo, numa praça de Praga, em 16 de janeiro de 1969.

A revogação da doutrina de Leonid Brejnev por Mikhail Gorbachev provocou o colapso de todo o edifício geopolítico do bloco, assentado no poder dos partidos comunistas. O desenvolvimento das reformas políticas na União Soviética desencadeou tensões crescentes entre as exigências populares por liberdade e democracia e os regimes comunistas da Europa Oriental. Essas tensões explodiram em 1989, conduzindo à derrocada de todo o bloco soviético.

A dinâmica das reformas na União Soviética provocou, em seguida, o esgotamento do frágil equilíbrio que sustentava Mikhail Gorbachev. Oriundo das estruturas burocráticas do poder comunista, o líder reformista dirigiu o desmantelamento do estado totalitário. Durante a glasnost, edificaram-se novas instituições, baseadas no voto, como os parlamentos regionais e o parlamento da União Soviética (Conselho de Deputados do Povo). Formaram-se agrupamentos políticos exteriores ao Partido Comunista, como as frentes nacionalistas das repúblicas. Finalmente, os presidentes das repúblicas federadas – inclusive da Rússia – foram eleitos pelo voto popular.

Tratado Dois Mais Quatro

O Tratado sobre a Regulamentação Definitiva referente à Alemanha foi negociado entre a República Federal da Alemanha, a República Democrática Alemã e as quatro Potências que ocuparam a Alemanha desde o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa: Estados Unidos, França, Reino Unido e União Soviética. Celebrado em Moscou em 12 de setembro de 1990, permitiu a reunificação da Alemanha naquele mesmo ano, em 3 de outubro.



Tanques invadindo Praga (Fonte: <http://oglobo.globo.com>).

Uma situação de duplo poder foi criada. De um lado, em torno das estruturas em decadência do partido e dos organismos de segurança do estado, agrupou-se a velha classe dirigente burocrática. De outro, em torno dos parlamentos e governos republicanos eleitos, agruparam-se caríadas correntes políticas adeptas da aceleração das reformas. Nos últimos meses, a posição de Gorbatchev sustentou-se num equilíbrio instável formado por esses dois vetores contraditórios.

A combinação da crise econômica, com o desmantelamento do bloco soviético, e a emergência dos nacionalismos na periferia da União Soviética, deflagrou a tentativa de golpe militar/ burocrático de agosto de 1991. A derrota dos golpistas destruiu o equilíbrio de poder ainda existente, dissolvendo a geometria de forças que sustentava Gorbatchev. A unidade política e territorial da União Soviética foi a principal vítima da derrocada do poder comunista. Nos últimos meses do ano, o império vermelho entrou em decomposição. A enxurrada que arrastou a Guerra Fria não poupou a superpotência do Leste.

O cenário pós-comunista na Europa Oriental e na antiga União Soviética revela a crise geral dos estados.

A tumultuada transição da economia estatal e planificada para a economia de mercado provoca a desorganização das velhas estruturas produtivas, a desindustrialização e um desemprego crônico crescente. A liberação dos preços e a derrubada das barreiras comerciais protecionistas deflagram surtos inflacionários, com a conseqüente evaporação do poder de compra dos salários e a brutal desvalorização das poupanças. A escassez de investimentos ocidentais – em função do quadro caótico das economias em transição e da própria recessão mundial – agrava a penúria generalizada.

Aqui vamos fazer uma breve reflexão. Você, após a leitura acima, compreende a tumultuada contradição existente na reunificação alemã. Portanto, será que esta reunificação foi benéfica a toda a população alemã?

Nesse ambiente econômico, florescem os nacionalismos. Em toda a Europa Oriental e nos territórios que pertenceram ao império vermelho crescem as reivindicações separatistas de comunidades étnicas e culturais. Os estados, mantidos pelo poder totalitário comunista, sofrem o embate de distintas forças centrífugas, ancoradas no passado histórico. O vácuo ideológico e político deixado pela desapropriação do comunismo é preenchido pelo nacionalismo. Os elementos neonazistas na “cultura alemã” constituem “o passado que não quer passar”.

Não se trata somente da questão da rearticulação do nazismo como “movimento” ou “partido”, mas sim da existência de grupos que utilizam argumentos genocidas do tipo: “os trabalhadores da RDA vão tirar postos de trabalho dos alemães de Berlim Ocidental” e, assim, “vale mais a pena matar um alemão oriental do que três turcos”. Esse clima transparece em videogames produzidos pela indústria alemã ocidental, em que a vitória no

jogo consiste em “matar” um turco ou um judeu!

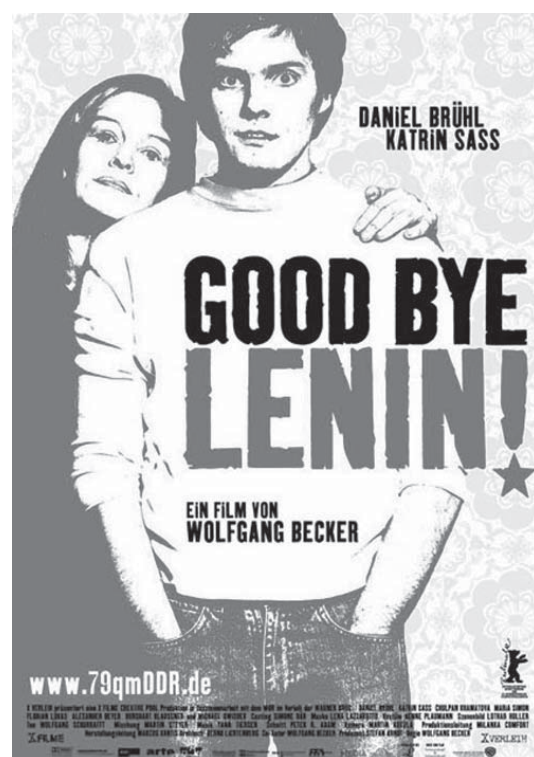
Na esteira do nacionalismo que a nova potência reavivará, vai se fortalecer o movimento revisionista composto de historiadores que procuram rediscutir o passado e o presente alemão. De um lado, estudiosos preocupados em obscurecer a importância da barbárie nazista, em banalizar a violência hitlerista, negando sua singularidade e restaurando a figura de Hitler como continuador de Bismarck, como alguém que atuou a favor do Estado unificado contra as velhas tentativas confederativas que existiam na República de Weimar. De outro, filósofos como Jürgen Habermas, que vêem como conquista primordial da Alemanha do pós-guerra uma espécie de identidade que foge ao nacionalismo e se forja a partir de um “patriotismo constitucional”, o que só foi possível através da crítica do passado nazista.

A existência de uma cultura nazista na Alemanha constitui-se num obstáculo à democratização real das instituições e da relação entre as pessoas. Também por isso é importante que a falência da burocracia estatal e autoritária na URSS e no Leste Europeu não seja vista como a derrota ou a inviabilidade do socialismo - a manutenção da perspectiva socialista e a luta por uma sociedade igualitária serão sempre o melhor antídoto contra a tentação totalitária.

Quinze anos depois, percebe-se que o medo europeu da nova Alemanha era totalmente injustificado e que a Alemanha atual não é a Alemanha dos Kaisers e muito menos a de Hitler, estando plenamente satisfeita com a sua inserção na União Européia e no mundo ocidental. Percebe-se, também, como as dificuldades dentro do processo de unificação das duas Alemanhas foram subestimadas, e muito.

Em termos econômicos, observou-se logo que a Alemanha Oriental, apesar de ter uma economia desenvolvida pelos padrões do Leste, era imensamente pobre quando comparada à Ocidental. As comunicações e o sistema de transporte eram ineficientes e quase toda a sua indústria era incapaz de competir com sua equivalente ocidental. Também a sua força de trabalho, apesar da competência técnica, estava completamente desacostumada ao estilo de produção e à competitividade do Ocidente, o que gerou problemas.

Como resultado dessa situação, e da decisão de Berlim de privatizar toda a estrutura econômica herdada do Leste, a indústria da Alemanha Oriental quase deixou de existir nos anos 90, com a conseqüente geração de milhões de desempregados. Esperava-se que a iniciativa privada preenchesse a lacuna, o que efetivamente ocorreu e continua ocorrendo, mas com imenso vagar.



O filme fala sobre o fim da Guerra Fria na Rússia (Fonte: <http://ruinashumanas.files.wordpress.com>).

Afinal, com várias dificuldades para implantar suas empresas no Leste e podendo suprir o novo mercado através da capacidade instalada no Ocidente, não havia motivos para o capital privado seguir para lá, o que só se alterou com o decorrer do tempo.

Coube ao Estado alemão, assim, pagar a conta do processo. Um volume inacreditável de dinheiro foi transferido do lado oeste para o leste, de forma a financiar a recuperação da infra-estrutura, pagar pensões e outros benefícios aos desempregados e subsidiar empresas para se instalarem além da antiga fronteira. Tal soma chega a cerca de US\$ 1,5 trilhão em valores de hoje, o que significa quase cem mil dólares para cada habitante do antigo lado oriental. Se isso fosse repetido no Brasil, por exemplo, significaria a transferência de uns 18 trilhões de dólares para o país em quinze anos, o que é inimaginável.

Esse fluxo de dinheiro transformou a paisagem oriental. Estradas e ferrovias foram recuperadas e ampliadas; o sistema de comunicações da parte oriental da Alemanha se tornou um dos mais modernos do mundo; monumentos e museus foram recuperados; a poluição do meio ambiente (problema sério da obsoleta indústria oriental) foi revertida e a antiga capital, Berlim, foi quase que totalmente revitalizada.

Entretanto, o processo também teve problemas. O colapso e destruição da antiga ordem foi tal que não espanta que, ainda hoje, o desemprego nas áreas orientais da Alemanha seja muito maior do que na parte ocidental e que as províncias orientais sejam ainda muito pobres em comparação com as ocidentais. Uma prova disto, aliás, é que, mesmo com seguro desemprego e subsídios do governo alemão, muitos ex-alemães do Leste emigraram para o Ocidente, o que fez a população da antiga Alemanha oriental diminuir em cerca de 1,6 milhão de pessoas desde 1990.



O filme usa o futebol para mostra o cenário da Alemanha pós-guerra (Fonte: - <http://4.bp.blogspot.com>).

ATIVIDADES

Faça a leitura do livro indicado nos “pré-requisitos”.

CONCLUSÃO

Caro aluno ou querida aluna: entendemos que as transformações ocorridas na Alemanha, desde a sua unificação, sofreram grande interferência externa, principalmente dos Estados Unidos da América. Os tratados firmados quando da unificação e reunificação bem demonstram a situação de conflitos de interesses vigentes. A atual configuração do país após a queda do muro significa a ocidentalização da parte oriental Alemã. Como resultado ocorreu a marginalização de grande parte da população da parte oriental na contramão das ações do governo sob o sistema capitalista.

RESUMO

Nesta aula você conheceu a unificação e reunificação alemãs, traçadas sob os contraditórios tratados e acordos estabelecidos. Dentre as influências recebidas para unificação e reunificação ressalta-se a dos Estados Unidos da América, que em sua necessidade de expansão de poder bélico e de mercados para seus produtos, contribuiu enormemente para a realização da reunificação alemã. Ao relatarmos os fatos ocorridos na cidade de Praga – Tchecoslováquia -, percebemos também o nascimento dos movimentos ambientalistas com a “Primavera de Praga”. Esses movimentos, voltados para o apoio social e ambiental, nasceram durante o período da Guerra Fria. O regime socialista, predominando na parte oriental alemã, ensejou o levante de movimentos contra a expansão do comunismo por parte dos países capitalistas. As contradições advindas destas ações predominam até hoje e repercutem na sociedade mundial. Outro fator importante que tratamos aqui para a reunificação Alemã foi a emergência dos nacionalismos.



REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade – A era da informação: economia, sociedade e cultura. V.2. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Fim de milênio – A era da informação: economia, sociedade e cultura. V.3. Tradução Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SENE, Eustáquio de. Globalização e espaço geográfico. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SMITH, Neil. Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço. Tradução de Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1988.